

## NOTAS CONTRA O ESQUECIMENTO – UMA BIOGRAFIA POLÍTICA DE BERNARDO ÉLIS

### *AGAINST OBLIVION: A POLITICAL BIOGRAPHY OF BERNARDO ÉLIS*

**Pauliane de Carvalho Braga**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe)

[paulianecb@gmail.com](mailto:paulianecb@gmail.com)

---

**Resumo:** Neste artigo, pretendo recuperar parte da trajetória política do escritor Bernardo Élis, que se filiou ao Partido Comunista do Brasil em 1944, mesmo ano em que iniciou sua carreira literária, com a publicação do livro de contos *Ermos e Gerais*. Após levantamentos bibliográficos e pesquisas em arquivos, ficou evidente que a militância comunista do autor tem sido eclipsada de sua biografia; por outro lado, uma metodologia adequada no trato da fonte literária, deve considerar algo tão relevante na *corrente criadora* do autor. Partindo desses dois pressupostos, buscarei reconstruir alguns pontos desse itinerário, em um esforço de registro histórico e de ampliação das possibilidades de leitura da obra bernardiana.

**Palavras-chave:** Bernardo Élis; Partido Comunista do Brasil; Camponês.

---

**Resume:** In this article, I intend to recover part of the political trajectory of Bernardo Élis, writer that joined the Brazilian Communist Party in 1944, the same year he started his literary career, with the publication of *Ermos e Gerais*. After an extended search in archives, it became evident that the author's communist activity has been treated as something minor in his biography; and to use a proper methodology in dealing with literary sources, we must consider something so relevant in the author's creative chain. Based on these two principles, I will try to recover some of his intellectual and political path to expand the possibilities of reading Bernardo's work.

**Keywords:** Bernardo Élis; Brazilian Communist Party; Peasantry.

---

**Bernardo Élis: porque escrevo**

Em 1944, Goiânia era uma capital jovem, com menos de 50 mil habitantes e raras instituições culturais e de ensino. Ainda assim, para Bernardo Élis era um oásis no meio do sertão: representava o progresso, a possibilidade de um mundo novo. Com 29 anos, 1,82 metros de altura, 70 e poucos quilos, um vasto bigode e uma incorrigível timidez<sup>1</sup>, Élis era, certamente, um dos homens mais cultos da cidade. Em sua diversificada biblioteca era possível encontrar obras de José Lins do Rego, João de Minas, Flaubert e Dickens<sup>2</sup>; parte importante era dedicada aos escritores russos, como Máximo Gorki, Fiódor Dostoievski e Vladimir Maiakóvski; além de uma incomum bibliografia comunista.

Ainda no início da década de 1930, quando as discussões sobre o tema surgiram em Goiás, Bernardo Élis se dedicou a estudá-lo, mas foi uma obra anticomunista que o convenceu da justeza dos postulados de Marx: a *Súmula católica contra os sem Deus*. O livro, emprestado por um tio padre preocupado em orientá-lo em meio às “contradições do mundo”, apresentava os principais pontos da doutrina marxista para em seguida contestá-los segundo os preceitos da Igreja Católica. O jovem, contudo, leu a Súmula “às avessas”, simpatizando com os princípios que eram atacados.

O acesso a obras sobre o pensamento de esquerda, contudo, seria enormemente dificultado durante o Estado Novo. Sob pretexto de ameaça de golpe comunista, o governo de Getúlio Vargas impôs uma forte censura às publicações e à circulação de livros. Somente em 1942, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha nazista, se colocando ao lado dos países Aliados, entre eles a União Soviética, é que os ventos liberalizantes tornariam a soprar no país. O crescente prestígio adquirido pelos soviéticos possibilitou ao Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922 mas atuando quase sempre na ilegalidade, sair às ruas e mover-se às claras. Após anos de ditadura, o PCB apareceria como uma nova via política, não comprometida com o *status quo* anterior, e conquistaria milhares para suas fileiras. Muitos artistas e intelectuais

---

<sup>1</sup>Entrevista de Bernardo Élis concedida à Euler Belém. *Bernardo Élis revela que foi stalinista e que tem medo de passar fome*. Diário da Manhã, Goiânia, 7 abr. 1991. DM Debate, pp. 18 e 19. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>2</sup>Dados biográficos de Bernardo Élis. In: Centro de Documentação Alexandre Eulálio; ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia: Kelps, 2000, p. 111.

foram atraídos pela causa, dentre eles Bernardo Élis, que se filiaria ao Partido em 1944. Neste ano lançaria ainda seu primeiro livro, *Ermos e Gerais*; a partir desse momento, literatura e política andariam lado a lado na vida do autor.

Sete décadas depois, contudo, essas duas categorias não teriam o mesmo peso em sua fortuna crítica. A obra de Bernardo Élis foi reconhecida pelo público geral e especializado contemporâneos e ainda hoje desperta o interesse de ambos. Sua militância política, contudo, é sistematicamente apagada de sua biografia. Mas compreender esse caminho, o de *ser comunista* – palavra tão estigmatizada –, é fundamental para a interpretação de suas obras. Não que Bernardo Élis tenha mimetizado ali as teses do Partido, mas porque *ser comunista* influenciou na formação de seus valores, em suas leituras e redes de sociabilidade, definindo, em certa medida, a sua *corrente criadora*.<sup>3</sup>

### Militante fiel

Quando Bernardo Élis iniciou sua militância política no Partido Comunista seu engajamento não deixava de ser ambíguo, visto que trabalhava no Departamento Estadual de Assistência ao Cooperativismo e na revista *Oeste*, ambos sob ordens de Pedro Ludovico, interventor do estado Goiás e homem de confiança de Getúlio Vargas. Élis deixaria esses dois postos em 1945, assumindo com maior radicalidade sua opção política. O autor, que já era relativamente conhecido entre os homens de esquerda do estado — seja por suas publicações em jornais e revistas de Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro, seja por sua rede de sociabilidade, comum às de muitos militantes do PCB —, foi rapidamente incorporado ao aparelho partidário.<sup>4</sup>

Nos primeiros anos, foi no jornal *O Estado de Goiaz* que Bernardo Élis desempenhou sua principal atividade dentro do Partido, atuando como “reforço a um setor cultural ainda incipiente”.<sup>5</sup> Nas publicações, atas de reuniões e abaixo-assinados, Élis era sempre identificado como *intellectual*, e foi como tal que se tornou candidato a

<sup>3</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>4</sup> DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB - GO: 1936-1948*. 622 f. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 1984, p. 98.

<sup>5</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis,

deputado federal nas eleições de 1945. Como atividades de campanha, realizou comícios, marchas, trabalho de proselitismo pessoal, “andando em cima de caminhões com faixas, fazendo inscrições nas ruas”; se considerava “um militante fiel e dedicado”.<sup>6</sup> Quando as manifestações públicas não eram possíveis, eram feitas reuniões menores, em casas de militantes e até em cinemas: “(em Caldas Novas) foi feito no cinema, uma palestra muito boa, inclusive, com fazendeiros, com comerciantes, pessoas que eram até contrárias, mas foram lá ouvir, dada a uma certa regionalidade da minha pessoa...”.<sup>7</sup> Apesar de recém integrado ao cenário político legal brasileiro<sup>8</sup>, o Partido Comunista obteve bons resultados eleitorais; Bernardo Élis, embora não tenha sido eleito, foi o quarto candidato comunista mais votado, resultado notável para um militante recém filiado.<sup>9</sup>

Nas eleições seguintes, em 1947, o autor concorreria ao cargo de deputado estadual. Neste pleito foram apurados 78.621 votos para a Assembleia Legislativa, sendo 6.745 votos para o PCB; desses, apenas 128 foram destinados à Bernardo Élis. Os comunistas eleitos, contudo, teriam pouco tempo de atuação: em maio de 1947 o Supremo Tribunal Federal (STF) cassou o registro do Partido e, meses mais tarde, seus deputados, vereadores e senadores perderam seus mandatos.<sup>10</sup> Com a virada política da Guerra Fria e o rompimento das relações entre as potências ocidentais com a União Soviética, a relação do presidente Marechal Eurico Gaspar Dutra com os comunistas, que nunca havia sido amistosa, passava a ser de declarada perseguição.

---

<sup>6</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Euler Belém. *Bernardo Élis revela que foi stalinista e que tem medo de passar fome*. Diário da Manhã, Goiânia, 7 abr. 1991. DM Debate, pp. 18 e 19. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>7</sup> DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB - GO: 1936-1948*. 622 f. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 1984, p. 315.

<sup>8</sup> O registro oficial do Partido seria concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) somente em 10 de novembro de 1945. Do seu nascimento, em 1922, até sua legalização definitiva, em 1985, o Partido Comunista Brasileiro teve menos de 3 anos e meio de legalidade plena. Foram “três meses e meio em 1922 (de 7/4/1922 a 5/7/1922 excluído), seis meses em 1924 (de 1o/1/1924 a 5/7/1924 excluído), sete meses e meio em 1927 (de 1o/1/1927 a 12/8/1927 excluído) e 25 meses após a Segunda Guerra Mundial (de 18/4/1945 a 7/5/1947 excluído). O total dá 41 meses. No entanto, é preciso distinguir ilegalidade com perseguições ocasionais (1922/35, 1947/56, 1979/84), ilegalidade com clandestinidade estrita (1935/45, 1964/79) e períodos de legalidade de fato (1956/64)”. In: CANALE, Dario. *Problemas da construção da história do Partido Comunista Brasileiro*. São Paulo, Novos Rumos, 1, 1986. *Apud* BRANDÃO, Gildo Marçal. *A ilegalidade mata*. O Partido Comunista e o sistema partidário (45/64). Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 1997.

<sup>9</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Euler Belém. *Bernardo Élis revela que foi stalinista e que tem medo de passar fome*. Diário da Manhã, Goiânia, 7 abr. 1991. DM Debate, pp. 18 e 19. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>10</sup> SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 398.

Novamente na ilegalidade, o PCB revê sua plataforma de coexistência pacífica e abre mão da “via democrática”; sua opção política principal passa a ser a da *revolução operária e camponesa*. A atuação do Partido nos centros urbanos, junto à classe operária, já ocorria há muitos anos e estava, de certa forma, consolidada. O desafio estava em conquistar o campo. Embora ações pontuais já fossem realizadas junto aos trabalhadores rurais, a partir de 1947 elas foram convertidas em políticas específicas. De forma pioneira o PCB atuou como mediador nos conflitos agrários, informando os trabalhadores sobre seus direitos, incentivando a luta por melhores condições de vida e auxiliando a organização de Associações e Ligas Camponesas.

Em Goiás, especificamente, essas atividades tiveram terreno fértil, pois as décadas anteriores haviam sido de grandes transformações fundiárias: a *Marcha para o Oeste* iniciada por Getúlio Vargas em 1937 incentivou a expansão da fronteira agrícola e a ocupação dos “vazios demográficos” do centro-oeste; e a construção da nova capital federal, Brasília, em 1950, a pouco mais de 200 quilômetros de Goiânia, criaram um novo fluxo migratório para a região e uma valorização de terras sem precedentes. A consequência imediata dessas políticas foi o aumento do número de camponeses sem terra, que se tornaram posseiros ou se submeteram a péssimas condições de trabalho.

Nesse contexto, o PCB-GO dedicará grande parte de seu trabalho ao campo, levando a um segundo momento da militância de Bernardo Élis, mais próxima dos trabalhadores rurais, com os quais passou a manter um diálogo direto, colhendo informações e impressões:

Naquele tempo Goiás se abriu para o Brasil, então as pessoas vieram pra cá plantar...plantava aquilo e fazia as primeiras roças para o arroz, milho, feijão, e então durante dois ou três anos eles tinham o direito de usufruir daquilo, depois então entregava a terra com capim plantado. Então nessa ocasião havia grandes concentrações de pessoas que estavam trabalhando ativamente nas lavouras e o Partido Comunista tinha proselitismo nessas turmas. Então eu muitas vezes fui, muitas vezes fui até o pessoal que estava plantando ou colhendo arroz ou fazendo outra coisa qualquer e num momento de almoço, num momento de parada, de descanso, eu lia para eles um conto curto...Então a gente lia para o pessoal ouvir aquilo e eles davam palpite, riam, achavam engraçado, outros contavam contos iguais e essas coisas. Então com isso eu adquiri muito conhecimento, adquiri muito mais conhecimento da linguagem popular e dos hábitos populares naquelas ocasiões. Isso foi na década de 1950, fim de 48, 49 até 55 mais ou menos...<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

O escritor, que também era bacharel em Direito, advogava a favor dos sindicatos urbanos e associações rurais,<sup>12</sup> mas sua principal função dentro do Partido era de divulgação das lutas: “por exemplo, no caso de todas as lutas que havia de perseguição aos camponeses, eu fazia então a comunicação, não só aqui para Goiás, como também para os jornais de fora”.<sup>13</sup>

Bernardo Élis também pôde conhecer de perto a experiência de Formoso e Trombas, umas das mais longas e radicais lutas empreendidas pelos camponeses no período. A região havia sido ocupada por migrantes vindos com a *Marcha para o Oeste*, que há muito cultivavam as terras e estavam dispostos a compra-las. Os terrenos, contudo, se valorizaram e a região infestou-se de grileiros. Homens ligados ao poder — financeiro, político, ou a ambos —, os grileiros que se dirigiram para Formoso e Trombas valeram-se da conivência de cartórios, advogados e juízes da região para exigir a retirada imediata dos posseiros, além de utilizarem-se da violência, com espancamento dos lavradores, suas esposas e filhos.<sup>14</sup> Em 1954, após recorrerem sem sucesso às instâncias municipal, estadual e federal, os camponeses decidiram defender suas terras de armas nas mãos, e para tanto contaram com o apoio do PCB.

Bernardo Élis, a princípio, participou da Comissão de Apoio aos Lavradores de Formoso, “arrecadando dinheiro, mandando roupas, armamento, pessoas”.<sup>15</sup> Em 1958, em um momento de interrupção de conflito, o escritor visitou pessoalmente a região. Seu intuito era recolher material para a feitura de um livro, projeto que acabaria engavetado. Algumas de suas impressões, no entanto, não deixavam de carregar certo preconceito intelectual:

Eu, quando fui a Formoso encontrei lá os dirigentes, inclusive o próprio Porfírio, falando um linguajar que era jargão, um jargão comunista antiquado já... que ele mesmo não percebia o que era aquilo, né? Uma porção de

---

<sup>12</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>13</sup> DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB - GO: 1936-1948*. 622 f. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 1984, p. 504.

<sup>14</sup> CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. *A revolta camponesa de Formoso e Trombas*. Goiânia: Ed. UFG, 1988.

<sup>15</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.



informações assim, frases, de sintagmas e coisa... que num exprimiam nada, não percebiam.<sup>16</sup>

Apesar dessa primeira impressão, a figura do posseiro despertou grande interesse em Élis, que os considerou “novos tipos humanos”, sem a passividade e o fatalismo conformista, o espírito de renúncia e servilismo dos roceiros descritos por Monteiro Lobato, Afonso Arinos, Carvalho Ramos e Lopes Neto. Convictos de que a terra deveria pertencer a quem nela trabalhasse, os posseiros se dispunham a pegar em armas na defesa do que julgavam um direito. Confiantes em si mesmos e nas suas organizações, guardavam uma altivez que os faziam negar a tutela dos patrões, e investir contra aqueles que os queriam subjugar e explorar. Os posseiros seriam, para Bernardo Élis, o germe capaz de corroer o latifúndio e realizar uma reforma agrária radical.<sup>17</sup>

Experiências como as de Formoso e Trombas foram tratadas por Élis na novela *A Terra e as Carabinas*, publicada de 1952 a 1953 no jornal *O Estado de Goiás*. Abordando “os problemas, as lutas, e a vida de nosso povo, principalmente da grande massa camponesa”<sup>18</sup>, o escritor chamou a atenção para o trabalho da militância comunista entre os trabalhadores rurais e a crescente organização política desses novos atores. Em seu livro seguinte, *O Tronco*, romance de 1956, Bernardo Élis também se empenhou em criar uma “narrativa educadora”, capaz de conscientizar e esclarecer seu leitor. Através de um evento histórico ocorrido nos sertões goianos no início do século XX, denunciou o abandono das populações sertanejas e o histórico mandonismo dos coronéis.

Nesta fase de sua produção literária, Bernardo Élis acreditava escrever *para o povo*, convicção reforçada após uma viagem realizada à União Soviética, compondo a Delegação de Intelectuais Brasileiros.<sup>19</sup> Só mais tarde, no final da década de 1950,

---

<sup>16</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Eliane Dayrell. In: DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB - GO: 1936-1948*. 622 f. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 1984, p. 199.

<sup>17</sup> ÉLIS, Bernardo. *Um livro novo*. In: Revista Para Todos. Ano II, nº 45/46. 1ª e 2ª quinzena de abril de 1958.

<sup>18</sup> Jornal *O Estado de Goiás*, 26 de agosto de 1952, nº 1456, ano 20, p. 1.

<sup>19</sup> Em entrevista concedida ao jornal *O Estado de Goiás*, Bernardo Élis afirmou “ter regressado com a melhor impressão possível da pátria de Stálin, onde pode observar o desenvolvimento espantoso”. In: Jornal *O Estado de Goiás*, 02 de junho de 1953, nº 1.482, ano 21, p. 1; Jornal *O Estado de Goiás*, 02 de junho de 1953, nº 1.482, ano 21, p. 1; Série Atividades Políticas. Fundo Bernardo Élis. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE; AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 2001.

avaliaria que “o sectarismo esquerdizante estava isolando minha literatura do povo, que não compreendia nem aceitava os postulados pelos quais ela enveredava”.<sup>20</sup> Para Élis, o Realismo Socialista<sup>21</sup> revelou-se antirrevolucionário e tradicionalista, gerando uma literatura pobre, despida de poesia. A partir desse momento, reorientaria sua escrita tendo em vista que “literatura é alguma ideia, mas é diversão, coisas engraçadas, sugestões de recordação, com algum jogo de palavras e situações. Sobretudo, literatura é sonho.”<sup>22</sup>

É provável que por essa mesma época Bernardo Élis tenha se distanciado do Partido Comunista; os registros biográficos e bibliográficos nos levam a crer que sua militância se estendeu até 1956.<sup>23</sup> Após esse período, até pelo menos os anos 1990, Élis se tornou um simpatizante, que compartilhava de algumas informações, participava de eventos, partilhava da convivência de comunistas, mas que não fazia mais parte do quadro partidário – era um *companheiro de rota*.<sup>24</sup>

### Companheiro de rota

Não há evidência de que Bernardo Élis tenha se desfilado oficialmente do PCB, mas é possível afirmar que ele se afastou da estrutura partidária a partir de 1956 – o motivo apontado pelo autor em algumas entrevistas foi a necessidade de se dedicar aos empregos e à família. Desse período em diante, Élis se tornaria um militante periférico: conservaria os ideais, as redes de sociabilidade, acompanharia as orientações e

<sup>20</sup> ÉLIS, Bernardo. *Ideologia e Alienação como literatura*. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>21</sup> Realismo socialista: termo cunhado em 1932 na União Soviética, com base nas ideias de Andrei Jdanov, para designar a “arte revolucionária”, realizada sob tutela de um Partido Comunista. Como princípios básicos, o realismo socialista defendia que a arte deveria possuir uma linguagem simples e direta, refletir a realidade nacional, em especial a realidade da vida proletária e camponesa. Para Realismo Socialista, ver: MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994; FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EduFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

<sup>22</sup> ÉLIS, Bernardo. *Ideologia e Alienação como literatura*. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulalio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>23</sup> Não podemos ignorar que este foi o ano da publicação do relatório de Nikita Krushev, denunciando o culto à personalidade, o autoritarismo do sistema, o rompimento com a legalidade socialista, e muitos dos crimes cometidos por Stálin, abalando o movimento comunista em todo o mundo. Em Goiás, particularmente, o impacto do relatório se deu principalmente nos meios intelectuais. In: CUNHA, Paulo Ribeiro Rodrigues da. *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a revolução brasileira (1950-1964)*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

<sup>24</sup> SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragments da História Intelectual*. Entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Editora Papirus, 2002.



publicações do Partido, mas de forma marginal, sem estar, de fato, integrado àquela organização.

Mas *ser comunista* era um estigma que se carregava para sempre. Anos mais tarde, no golpe civil-militar de 1964, Bernardo Élis foi demitido do cargo de instrutor de Ensino Superior, nível 19, da Universidade Federal de Goiás; aposentado no cargo de Professor de Ensino Industrial Técnico, nível 17, da Escola Técnica de Goiânia<sup>25</sup>; seu livro de contos *Caminhos e Descaminhos*, que estava sendo editado pela tipografia do Estado de Goiás, teve sua impressão suspensa e foi submetido a diversas comissões de censura<sup>26</sup>; e sua obra, como um todo, foi classificada como “deletéria dos bons costumes e perniciosa”<sup>27</sup>. Os vinte e um anos que se seguiriam seriam de intensa perseguição ao escritor, que se viu forçado a um autoexílio no Rio de Janeiro, onde permaneceria até a Anistia, em 1979.

A distância, contudo, não seria suficiente para manter Bernardo Élis fora do radar da repressão. Um episódio ocorrido em 1970 o marcaria profundamente: ele havia realizado uma palestra na Universidade Católica de Goiás, depois de muita insistência dos estudantes que, embora advertidos do perigo do evento, o mantiveram. Élis cuidou de não dizer nada que pudesse gerar polêmica ou ser mal interpretado; terminou a palestra e regressou imediatamente ao Rio de Janeiro. Meses depois, de retorno à Goiás para uma rápida estadia, recebeu uma ligação exigindo sua presença no quartel às seis da manhã do dia seguinte. O escritor sabia dos casos de tortura, dos comunistas obrigados a se declararem não comunistas e outras tantas violações. Decidido a não passar por tais humilhações, pegou lâminas de gilete e colocou na bainha da camisa, do paletó, da calça e até na cueca: “se me amolarem eu me corto, eu corto o meu pulso...”.<sup>28</sup> Após esperar quase 12 horas no quartel, foi ouvido e liberado.

O estudo dos documentos dos órgãos de informação e segurança confirmam a vigilância constante sobre o autor. Em um relatório secreto do Serviço Nacional de Informações (SNI), de 31 de maio de 1971, intitulado “Manifestações de intelectuais visando a motivar pessoas e grupos para problemas de caráter político”, a descrição sobre o movimento intelectual em Goiás inicia-se da seguinte maneira:

---

<sup>25</sup> Atos da Revolução. Fundo DOPS-GO. Centro de Informação e Documentação Arquivística – UFG.

<sup>26</sup> O livro seria liberado meses mais tarde. In: ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia: Kelps, 2000, p. 147.

<sup>27</sup> ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia: Kelps, 2000, p. 198.

<sup>28</sup> Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

- 1) Em Goiás, grande parte do movimento literário vem se concentrando em torno de Bernardo Élis Fleury Curado, atingido pelas sanções do AI nº 1, e de outros antirrevolucionários.
- 2) Dessa forma os órgãos de segurança da área de Goiás estão preocupados com a influência que elementos esquerdistas vêm exercendo no Departamento Estadual de Cultura, da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Goiás.
- 3) Dentre os setores daquele órgão o que evidencia ser mais influenciado pelos antirrevolucionários é a Divisão do Livro (...), cuja atividade editorial é representada pela edição de obras na maioria de escritores contrários ao Governo e ao regime, contendo inclusive matérias ofensivas à ordem revolucionária.
- 4) Os concursos literários são conduzidos por esquerdistas e comunistas, como Bernardo Élis (...)
- 5) Obras de discutível gosto e interesse literário são editadas apenas porque em seu bojo contém mensagem subliminar ou ostensiva contra o regime revolucionário.<sup>29</sup>

Outro documento, agora do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) de Goiás, de 26 de abril de 1974, revela que os agentes investigavam também a diretoria da União Brasileira de Escritores de Goiás (UBE-GO), da qual Bernardo Élis fazia parte. O documento apresentava assim o autor goiano:

- Membro efetivo do Comitê Estadual do PCB. (...)
- Em artigos assinados e publicados em várias revistas, assim como no exercício da cátedra, prega abertamente a subversão e difunde a teoria leninista-marxista.
- (...) Aplicando a técnica explorada pelos comunistas, escreveu artigo no jornal *Cinco de Março*, com críticas veementes ao Governo Revolucionário, colocando em realce os seguintes tópicos: “alimentação” — “IPMs” — e os “dedos duros”.
- Tentou juntamente com o comunista Aluisio Sayol, movimentar o meio estudantil da UFG (...)
- Promovem em sua residência, uma reunião, com a participação de estudantes, presidentes de Centros Acadêmicos e intelectuais goianos com a finalidade de discutir a decretação de greve geral no Brasil em solidariedade ao Movimento de Brasília. (...)
- Um dos signatários do manifesto publicado no jornal *Cinco de Março* em sinal de protesto contra a prisão do jornalista Flávio Tavares, implicado no IPM Guerrilhas Uberlândia. (...)
- Foi responsável pelo suplemento de *O Popular*, com publicações hostis à Revolução.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Documento do Serviço Nacional de Informações, 31 de maio de 1971. Secreto. Fundo do Serviço Nacional de Informações - ACE 37265/71. Arquivo Nacional.

<sup>30</sup> Documento do Departamento de Ordem Política e Social/ Departamento de Polícia Federal/GO. Confidencial. Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

Suas publicações nos jornais de Goiás também eram objeto de frequente escrutínio, e o Serviço Nacional de Informações nomeava alguns de seus artigos como “criminosos”:

Fez declarações no dia 9 Set 68, ao *Cinco de Março*, órgão da imprensa goiana onde, condenando ato do Secretário da Educação que determinara o fechamento de grêmios estudantis, aduziu as seguintes afirmações:

— “...É profundamente humilhante e entristecedor reconhecer o agravamento constante do chamado terrorismo cultural implantado no Brasil a partir do movimento de 1964 e configurado na supressão da livre manifestação do pensamento, posta em prática através da perseguição e assassinato de escritores, artistas, jornalistas, pensadores, professores, religiosos e estudantes...”

— concitou os intelectuais a se organizarem para fazer sentir às autoridades brasileiras “a nossa mais enérgica repulsa à violência e ao terror que se instalaram neste País...”<sup>31</sup>

A acusação do SNI tinha como alvo os artigos de denúncia escritos por Bernardo Élis, publicados principalmente no jornal goiano *Cinco de Março*. No texto intitulado *Primeiro de Abril*, publicado em cinco de abril de 1965, o autor ironiza o surgimento da figura do dedo-duro com o golpe civil-militar de 1964 “que tem um ano mas já fez tanto mal quanto uma guerra ou uma peste. Se você percorrer os cemitérios do país em muitos encontrará vítimas do aniversariante”. Em outro artigo, intitulado *Literatura*, Élis comenta a apreensão do livro *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, se posicionando contra a censura artística em qualquer uma de suas formas de manifestação.<sup>32</sup>

Alguns anos depois, em 07 de maio de 1976, Élis seria nomeado Assessor Especial da Secretaria de Educação e Cultura de Goiás pelo deputado federal José de Assis, e sua designação seria revogada em menos de três meses, evidenciando que, mesmo com o início do processo de abertura política, o escritor continuava a ser mal visto pelos militares e pelo governo.<sup>33</sup>

Perseguido pela repressão do governo militar, constrangido em seu direito de lecionar, advogar e escrever, Bernardo Élis passou a viver com grande dificuldade financeira, situação que impôs à sua família uma vida de privação. Mesmo após a

---

<sup>31</sup> Documento do Serviço Nacional de Informações – Agência de Goiânia, 29 de outubro de 1982. Fundo do Serviço Nacional de Informações - ACE 3495/82 Arquivo Nacional.

<sup>32</sup> Jornal *Cinco de Março*, 1977. In: Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

<sup>33</sup> Diário Oficial da União, 29/07/1976 – Portaria nº 1.847/76; Documento da Secretaria da Educação e Cultura, 13/08/1976 – Portaria 3899/76. In: Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

Anistia, o autor não conseguiu se recompor economicamente, contando com o auxílio de amigos para muitos de seus gastos.

A contínua censura também obrigou Bernardo Élis a se afastar temporariamente da literatura. Depois da publicação de *Veranico de Janeiro*, em 1966, o autor só voltaria a publicar um livro em 1973, o ensaio *Marechal Xavier Curado, criador do Exército Nacional*, onde narra a vida do oficial considerado o primeiro militar nascido no Brasil a alcançar altos postos no Exército colonial<sup>34</sup>. O personagem era um antepassado de Élis que, orgulhoso de sua nobre árvore genealógica, dedicou-lhe uma entusiasmada biografia.<sup>35</sup> Em tempos de ditadura, no entanto, a temática despertou desconfiança. Quando Bernardo Élis se candidatou pela terceira vez a uma vaga na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1975, jornais cariocas e paulistas, ignorantes da militância comunista do escritor, consideraram-no suspeito.<sup>36</sup>

A disputa pela cadeira na ABL estava bem estruturada e Élis contava com o apoio de importantes amigos — Aurélio Buarque de Holanda, Barbosa Lima Sobrinho, Tristão de Athayde. Contudo, seu adversário era Juscelino Kubitschek, ex-presidente que teve seus direitos políticos cassados pelo governo ditatorial e era tido à época como símbolo de oposição ao regime militar.<sup>37</sup> Assim, as notícias de que Bernardo Élis era o candidato dos militares, apoiadas na recente publicação do autor, em que enaltecia uma figura do Exército, tiveram terreno fértil para proliferar. Segundo seu filho

Dois episódios marcaram, profundamente, a vida de Bernardo Élis. Uma foi a chamada Revolução de 64, não só por suas privações, mas sobretudo pela aposentadoria compulsória dada a ele, o que o levou a uma situação financeira desconcertante (...) O outro foi a campanha que amigos e correligionários de Juscelino — talvez à revelia do próprio Juscelino — moveram contra a candidatura dele à Academia Brasileira de Letras.<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> AZEVEDO, Francisca Nogueira de. *Dom Joaquim Xavier Curado e a política bragantina para as províncias platinas (1800-1808)*. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 161-183.

<sup>35</sup> Bernardo Élis se dividia entre o orgulho de seu clã histórico e a consciência dos privilégios trazidos pelo sobrenome Fleury Curado, privilégios esses que o escritor negava por princípios. Optou então por assinar somente Bernardo Élis, abdicando das facilidades que o nome de família poderia lhe trazer.

<sup>36</sup> Bernardo Élis já havia disputado uma vaga na Academia Brasileira de Letras outras duas vezes. A primeira em 1968, quando se retirou da disputa antes do pleito (não houve tempo para preparar sua campanha); e em 1973, quando obteve votação expressiva mas não foi eleito.

<sup>37</sup> Em 1965, mesmo após o golpe civil-militar de 1964, acreditava-se na realização das eleições presidenciais. Castelo Branco, então na posição de presidente da República, prometia manter o calendário eleitoral e o jogo democrático. O Partido Social Democrático (PSD) planejava então lançar a candidatura de Juscelino Kubitschek à presidência da República. A pressão de alguns setores militares, contudo, fez com que JK tivesse seus direitos políticos cassados a 14 de junho de 1964.

<sup>38</sup> CURADO, J. Semeão M. Bernardo Élis, que também foi pai. In: UNES, Wolney (org.). *Bernardo Élis: vida em obras*. Goiânia: Agepel: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005, p. 173.

A despeito da campanha contrária, prevaleceu a vocação literária e Bernardo Élis venceu o pleito, se tornando o primeiro goiano a ocupar uma cadeira na Casa de Machado de Assis.

### Literatura como missão

Instado a responder perguntas sobre sua literatura, Bernardo Élis a caracterizou como “comprometida ou *engagé*”.<sup>39</sup> Para melhor delimitar o termo, o autor dispôs da definição dada por Vitor Manuel de Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura*: “Na literatura comprometida, a defesa de determinados valores morais, políticos e sociais nasce de uma decisão livre do escritor”, ao contrário do que ocorre na literatura planejada, quando “os valores a defender e a exaltar e os objetivos a atingir são impostos coativamente por um poder alheio ao escritor, quase sempre um poder político, com o conseqüente cerceamento, ou até aniquilação da liberdade do artista”.<sup>40</sup>

Élis historiciza o conceito de literatura comprometida remetendo-o ao período da Segunda Guerra Mundial e o define afirmando que o homem não seria um receptáculo, uma passividade no mundo, mas um *estar-no-mundo*, no sentido de uma presença ativa. Essa relação entre o *existente* e o *mundo* seria uma relação de *compromisso*, de *engajamento*, que o autor assumiria através de sua literatura no momento em que se dispunha a “extirpar, minorar ou mostrar o absurdo” das desigualdades dos sertões goianos, e em denunciar as “péssimas condições de vida do homem rural brasileiro”.<sup>41</sup>

Bernardo Élis se convenceu cedo que a arte era um poderoso instrumento de transformação social e que competia ao escritor “participar com suas obras para as modificações do mundo”.<sup>42</sup> Percebendo a literatura como meio específico de participar do debate público, Élis buscou descrever em sua obra um universo que não aceitava mais - e *ser comunista* foi fundamental para divisar esses limites.

<sup>39</sup> Este documento é composto por cinco páginas de respostas de Bernardo Élis, onde o autor procura definir sua literatura. Contudo, não há registro das perguntas, do entrevistador e da data da entrevista. O documento encontra-se disponível no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>40</sup> AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 1976. *Apud* ÉLIS, Bernardo. Entrevista concedida por Bernardo Élis. Sem referência. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>41</sup> ÉLIS, Bernardo. Entrevista concedida por Bernardo Élis. Sem referência. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

<sup>42</sup> UM PROTESTO CONTRA A CENSURA. *Jornal Cinco de Março*. Goiânia, 13 a 19 de ago. 1979.

**BIBLIOGRAFIA**

AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AZEVEDO, Francisca Nogueira de. *Dom Joaquim Xavier Curado e a política bragantina para as províncias platinas (1800-1808)*. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002.

BRANDÃO, Gildo Marçal. *A ilegalidade mata*. O Partido Comunista e o sistema partidário (45/64). Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARNEIRO, Maria Esperança Fernandes. *A revolta camponesa de Formoso e Trombas*. Goiânia: Ed. UFG, 1988.

CUNHA, Paulo Ribeiro Rodrigues da. *Aconteceu longe demais: a luta pela terra dos posseiros em Formoso e Trombas e a revolução brasileira (1950-1964)*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

CURADO, J. Semeão M. Bernardo Élis, que também foi pai. In: UNES, Wolney (org.). *Bernardo Élis: vida em obras*. Goiânia: Agepel: Instituto Centro-Brasileiro de Cultura, 2005.

DAYRELL, Eliane Garcindo. *O PCB - GO: 1936-1948*. 622 f. Tese. (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, São Paulo, 1984.

ÉLIS, Bernardo. *A vida são as sobras*. Goiânia: Kelps, 2000.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: EduFF: Rio de Janeiro: MAUAD, 2002.

MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SCHWARCZ, Lilia; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da História Intelectual*. Entre questionamentos e perspectivas. Campinas, SP: Editora Papyrus, 2002.

**DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA**



Atos da Revolução. Fundo DOPS-GO. Centro de Informação e Documentação Arquivística – UFG.

Dados biográficos de Bernardo Élis. In: Centro de Documentação Alexandre Eulálio.

Diário Oficial da União, 29/07/1976 – Portaria nº 1.847/76; Documento da Secretaria da Educação e Cultura, 13/08/1976 – Portaria 3899/76. In: Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

Documento do Departamento de Ordem Política e Social/ Departamento de Polícia Federal/GO. Confidencial. Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

Documento do Serviço Nacional de Informações – Agência de Goiânia, 29 de outubro de 1982. Fundo do Serviço Nacional de Informações - ACE 3495/82 Arquivo Nacional.

Documento do Serviço Nacional de Informações, 31 de maio de 1971. Secreto. Fundo do Serviço Nacional de Informações - ACE 37265/71. Arquivo Nacional.

ÉLIS, Bernardo. Entrevista concedida por Bernardo Élis. Sem referência. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

ÉLIS, Bernardo. Ideologia e Alienação como literatura. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

ÉLIS, Bernardo. Um livro novo. In: Revista Para Todos. Ano II, nº 45/46. 1ª e 2ª quinzena de abril de 1958.

Entrevista de Bernardo Élis concedida à Enid Yatsuda Frederico. Maio, 1996. In: Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

Entrevista de Bernardo Élis concedida à Euler Belém. Bernardo Élis revela que foi stalinista e que tem medo de passar fome. Diário da Manhã, Goiânia, 7 abr. 1991. DM Debate, pp. 18 e 19. Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE. Fundo Bernardo Élis.

Jornal Cinco de Março, 1977. In: Fundo Divisão de Central de Informação do Estado de Goiás – DCI/DOPS – Centro de Informação, Documentação e Arquivo (CIDARQ) UFG.

Jornal O Estado de Goiaz, 02 de junho de 1953, nº 1.482, ano 21, p. 1.

Jornal O Estado de Goiaz, 02 de junho de 1953, nº 1.482, ano 21, p. 1.

Jornal O Estado de Goiaz, 26 de agosto de 1952, nº 1456, ano 20, p. 1.

UM PROTESTO CONTRA A CENSURA. Jornal Cinco de Março. Goiânia, 13 a 19 de ago. 1979.

## **SOBRE A AUTORA**

### **Pauliane de Carvalho Braga**

Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora do Projeto República: núcleo de pesquisa, documentação e memória/UFMG. Co-coordenadora do projeto Caminhão Museu/UFMG. Autora do livro *Entre sertões: comunismo e campesinato na obra de Bernardo Élis* (2019); e co-organizadora dos livros *Sentimentos da terra: imaginação de reforma agrária, imaginação de república* (2013) e *Pensando a Democracia, a República e o Estado de Direito no Brasil* (2019).

---

*Recebido para publicação em Outubro de 2020*

*Aprovado para publicação Novembro de 2020*